

A alegria na escola e no ensino de deontologia farmacêutica

Joy in school in pharmaceutical deontology education

¹ Lêda Glicério Mendonça

¹ Lúcia Rodriguez de La Rocque

¹ Francisco Romão Ferreira

RESUMO

O artigo aborda os referenciais teóricos que podem fundamentar a escolha do uso de filmes de comédia *hollywoodiana* em aporte ao ensino de Deontologia Farmacêutica. Foram utilizados cinco filmes como subsídio para um estudo de caso aplicado como avaliação final da disciplina. Um estudo exploratório e a observação da aplicação da estratégia de ensino ao longo dos anos de 2012 e 2013 confirmam sua aplicabilidade. Acredita-se no uso do cinema no ensino pelo potencial midiático que este possui, por ser um veículo importante de educação científica, e neste caso, na comédia, pelo poder de crítica social que a comicidade das profissões possui e pela apropriação da Pedagogia da Alegria proposta por Snyders como caminho profícuo para formação humanística.

Palavras-chave: Ensino farmacêutico; ciência e arte, comédia no ensino.

ABSTRACT

This article discusses theories that may ground the choice to make use of Hollywood comedy movies to teach Deontology and Ethics in Pharmacy courses. Five films have been used to support a case study employed as final evaluation of a course. An exploratory study and the observation of the pedagogical practice along the years of 2012 and 2013 have shown its applicability. The use of film in teaching practices may be justified by its potential as media, by its capacity to disseminate scientific education and in the specific situation of comedy movies, by the power of social critique that the comicalness of professions holds and by the appropriation of Snyder's Pedagogy of Joy as a fruitful way towards Humanistic Education.

Keywords: *Pharmaceutical Education; science and art, comedy in teaching.*

1 A IMPORTANCIA DA ALEGRIA NA APRENDIZAGEM

O presente artigo teórico pretende abordar as teorias que consideramos apropriadas para fundamentar a escolha da utilização de filmes de comédias *hollywoodianas* para subsidiar o ensino de Deontologia e Ética em um curso de bacharelado em Farmácia. A questão surgiu como um dos pontos de discussão de uma pesquisa de Doutorado que utilizou os enredos de cinco filmes de comédia para fundamentar um estudo de caso proposto como atividade de avaliação no encerramento da disciplina em substituição à prova convencional ao longo dos anos de 2012 e 2013. Os filmes utilizados foram: *The monkey business* – O inventor da mocidade (1952); *The nutty professor* – O professor aloprado (1963); *Junior* – Júnior (1994); *The nutty professor* – O professor aloprado (1996) e *Senseless* – Sem sentido (1998).

Em primeiro lugar, a escolha do gênero comédia levou em conta um estudo exploratório ocorrido nos anos de 2010 e 2011 que avaliou a efetividade do uso de filmes comerciais no ensino de Deontologia em que a comédia apareceu como o gênero cinematográfico de preferência entre alunos de graduação de Farmácia (Mendonça, Ferreira e La Rocque 2012). A observação da prática pedagógica ao longo dos anos de 2012 e 2013 confirmou os resultados do estudo exploratório. A seleção dos títulos também não foi por acaso. Os filmes precisavam pertencer ao gênero cinematográfico proposto – comédia; possuir versão legendada ou dublada; serem produzidos em Hollywood; a história precisava se desenrolar no século XX e; abordar de maneira direta ou não, pelo menos 75% dos temas presentes na ementa.

Pelo fato de a disciplina ser embasada por atos normativos, apostou-se em utilizar o potencial do humor, do cômico, da sátira e da alegria para tornar mais leves e palatáveis discussões tão áridas. Por isso, aqui será abordada o que chamo de Pedagogia da Alegria proposta por George Snyders (1987, 1995, 1996) que defende a transposição e a utilização da cultura primeira e da cultura de massa, que naturalmente trazem alegria aos alunos para a cultura elaborada a ser transformada no espaço escolar, fazendo deste, um espaço feliz também, tornando a aprendizagem mais prazerosa. De maneira similar será tratado o porquê da escolha da comédia para cumprir este propósito, evidenciando que este gênero foi primeiramente, e de maneira precipitada, relegado ao segundo plano. Acredita-se que ele pode apresentar potencialidades no processo educativo, aproximando o aluno de um objeto de ensino, em princípio pouco interessante. Para esta reflexão traremos aqui a significação do riso (BERGSON, 1980), da comicidade (PROPP, 1992).

2 A PEDAGOGIA DE GEORGES SNYDERS E O SENTIDO DO RISO E DO CÔMICO

Cabe aqui a reflexão acerca das teorias que fundamentaram a escolha dos filmes de comédia para o ensino de Deontologia Farmacêutica. Carvalho (1999) analisou o pensamento educacional de Georges Snyders, pedagogo francês. Ele dividiu a análise da obra de Snyders em dois conjuntos. O primeiro conjunto é o das obras escritas entre 1968 e 1976, que tem como característica principal a constituição da Pedagogia Progressista, da qual os títulos mais conhecidos são: *Pedagogia Progressista* e *Para Onde Vão as Pedagogias Não-Diretivas?* Neste período Snyders faz uma análise crítica de diversas correntes educacionais contemporâneas e afirma que a escola, além de ser um local onde se processa a luta de classes, também deve ser um espaço de transformação social. O segundo conjunto é o das obras escritas entre 1982 e 1996 em que a temática central é a alegria, a satisfação/alegria que a escola deve e pode proporcionar ao aluno, da qual os títulos mais conhecidos são: *Alegria na Escola* (1987) e *Alunos Felizes* (1996). Neste segundo grupo de obras Snyders analisa o papel da cultura elaborada/erudita trabalhada no ambiente escolar e da apropriação e influência que a cultura primeira e a cultura de massas podem proporcionar e transformar o processo educativo além de trazer alegria para ele (SNYDERS, 1987, 1995). Porém a designação do que este autor chama de cultura primeira ou cultura imediata e cultura elaborada ou cultura escolar tem inspiração no que já havia sido proposto por Gramsci e Bachelard:

O que aqui está em questão é a discussão já travada por Gramsci (retomada por Snyders, com acréscimo dos estudos de Bachelard) entre senso comum e ciência, ou entre cultura popular e conhecimento científico. Snyders procura demonstrar que entre as duas formas de cultura não existem antagonismos; existem diferenças, mas estas não criam entre as duas um fosso intransponível. Pelo contrário, de uma forma dialética, a cultura escolar, representada pelo professor, encontra-se em continuidade com a cultura primeira, que é a cultura do aluno (CARVALHO, 1999, p. 136)

Embora, numa visão simplista não haja relação direta entre um bloco de obras e o outro, o segundo é um desdobramento do primeiro, pois, segundo Carvalho (1999), a temática da alegria escolar já era presente nas obras iniciais de Snyders.

O foco de discussão aqui será como Snyders aborda a alegria, de maneira plena, como necessária e alcançável na educação, e para tanto, será ainda incluída uma terceira obra, *Felizes na Universidade: estudo a partir de algumas biografias* (1995), pois a presente reflexão repousa sob o ensino de Deontologia e Ética na graduação em Farmácia, campo de pouco interesse para boa parte dos alunos deste curso (ZUBIOLI, 2004; RÍOS, 2011; RODRIGUEZ E MORA, 2012). E de fato, por Snyders (1995) “numerosíssimos são os adultos que declaram não ter conhecido nenhuma alegria em seus estudos superiores, mas tão somente enfado e deformação. A verdadeira vida e até mesmo a verdadeira preparação para a vida não teriam acontecido ali” (p. 11).

O que se buscou atingir com a apropriação do cinema de comédia para o ensino farmacêutico, foi afastar o enfado, aproximar o aluno de um tema árido para ele por meio da cultura de massa, que por si só entretém e proporciona alegria, além de possibilitar uma maneira diferenciada de construção do conhecimento e avanço nos estudos, condições que se afinam com as proposições de Snyders. A alegria, então, é abordada em sua obra no sentido mais amplo, não apenas da graça, do riso, mas da satisfação pessoal também, da “humanização do homem da filosofia marxista, ou seja, o pleno desenvolvimento das potencialidades humanas” (CARVALHO, 1999: p. 164). A questão da formação humanística também é uma grande preocupação das políticas educacionais que norteiam as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) dos Profissionais da área da saúde, presente também no artigo 3º das atuais DCN de Farmácia (BRASIL CNE/CES 02/2002).

Cabe aqui expor brevemente o que Snyders em seu livro *Alegria na escola* (1987) chama de cultura primeira, cultura elaborada e cultura de massa, visto que, a partir destas é que se busca a alegria no ensinar e no aprender. A cultura primeira ou imediata é “a cultura que se adquire fora da escola, fora de qualquer formação metódica e teorizada, que não são frutos do trabalho, do esforço e nem de nenhum plano. Nascem da experiência direta da vida, se absorvem sem nos darmos conta” (p.31). Está relacionado com o senso comum, com a experiência de vida de cada um. A cultura elaborada nasce da intervenção do intelecto humano traduzindo-se em grandes obras de arte e que muitas vezes os alunos de classes desfavorecidas só tomam conhecimento por intermédio da escola (p.73). E aqui também podemos incluir a importância da cultura de massa: “é uma cultura que sabe apreender com as massas, apresenta-la e representa-la (...). A mesma cultura faz vibrar as massas e a mostra vibrante; podem assim as massas, pela primeira vez, ver-se a si mesma frente a frente” (p. 50). Snyders neste ponto considera que a cultura de massa é representada pela música, rádio, tv. Não cita de maneira explícita o cinema, pois à época em que escreveu suas obras originais os filmes eram exibidos apenas nas grandes salas. Entretanto, anteriormente, Walter Benjamin (1955, p.10) já havia declarado que “a reprodutibilidade técnica da obra de arte modifica a relação da massa com a arte. Retrógrada diante de Picasso, ela se torna progressista diante de Chaplin e o que o pintor concebeu para ser visto por poucos, o cineasta o faz para ser visto por muitos”. Atualmente os filmes concebidos para as grandes telas rapidamente chegam à TV, na *internet* ou são vendidos em mídia, quase que instantaneamente ao seu lançamento, e por isso, alcançaram *status* de cultura de massa, principalmente os filmes de Hollywood.

Retomando a uma afirmação de Snyders (1987) de que

Por isso, às vezes vamos até a cultura de massa, não só para achar divertimento, evasão, compensação dos dissabores, senão porque pode se julgar uma função propriamente educativa em que a gente é feliz aprendendo, se sente feliz aprendendo coisas que lhes ajudariam nas situações da vida: por exemplo, como comportar-se em tal circunstância (p.46)

E dessa forma podemos afirmar que o uso do cinema de comédia no ensino, como promotor de alegria por si só, como uma das manifestações de cultura da massa pode ser um dos caminhos para promover o aprendizado e a alegria no ensino formal, embora não seja a única forma de alegria escolar apontada por Snyders. No seu livro *Alunos felizes* (1996) Snyders diz que vivemos em uma época em que se tornou compulsória a busca do lazer, que os jovens estão cada vez mais ávidos e buscam a fruição sem culpas, fazendo com que as atividades desenvolvidas no espaço de ensino formal não tenham o mesmo interesse. “Vivemos num mundo onde a procura da alegria, ao invés de provocar culpa, aparece como um dos valores mais confessáveis, às vezes mesmo como um valor dominante (p.36)”. Então ele também expressa ter o sonho de que exista a complementariedade e uma harmonização entre a vida escolar e a vida extraescolar.

Já no livro *Felizes na Universidade: estudo a partir de algumas biografias* (1995) ele anuncia que o espaço de ensino formal também fornece outros tipos de alegria que não os relacionados à cultura primeira e nem à cultura elaborada, e a estes Snyders denomina de alegrias intermediárias:

aquelas que não são diretamente relacionadas a cultura estudantil, seriam: alegria de progredir, de alcançar realizações cada vez mais difíceis, cada vez mais pessoais; alegria do esforço bem sucedido; conseguir os resultados almejados, chegar ao objetivo que se fixou; preparar-se eficazmente para um futuro que parece promissor; estar no caminho do êxito social, começar a ser reconhecido (p.25)

Neste intuito muitas podem ser as estratégias selecionadas pelo docente para fazer com que o aluno encontre alegria no aprender e construir o seu conhecimento. Se for possível elaborar práticas pedagógicas que levem os alunos ao encontro de sua cultura primeira e da cultura de massa, o que causa uma satisfação pessoal e significativa para o aluno, levando-o às alegrias intermediárias para alcançar uma cultura elaborada, é possível conseguir aproximar o aluno de um tema pouco interessante para ele: a Deontologia Farmacêutica. A estratégia aqui proposta - a resolução de um estudo de caso tomando como base os enredos dos filmes de comédia *Hollywoodianos* (numa primeira etapa com tarefas individuais e na segunda etapa com tarefas em grupo) une todas estas características. Entendemos isto, pois: a cultura primeira dos jovens é considerada por Snyders quase sempre uma cultura em grupo, e Bergson (1980) também diz que “O riso parece precisar de eco. (...) O nosso riso é sempre o riso de um grupo (p.13)”, é em si uma ação social. Então os filmes de comédia assistidos e analisados em grupo cumprem a função social do riso. O fato de os alunos terem que responder ao roteiro sistematizado do estudo de caso analisando o conteúdo dos filmes também os alça às alegrias intermediárias, pois os desafia a progredir, a pesquisar e a aprofundar os estudos em via de solucioná-los. E por fim, conseguindo solucionar as questões propostas por meio da cultura de massa, alcançam a cultura elaborada gestada no espaço de ensino formal.

Mesmo que Snyders (1996) tenha em algum momento afirmado a importância da “transposição didática da alegria – O problema consiste em passar da alegria/não-alegria da cultura para a alegria/não-alegria da cultura dentro das condições escolares (p.50)”, por que foi escolhida a comédia como manifestação de cultura de massa para apoiar o ensino de Deontologia Farmacêutica, já que de maneira errônea ela foi por muitos considerada um gênero menor?

Propp (1992) comenta que para muitos estudiosos o cômico é marcado pela presença de algo menor ou defeituoso, de uma falha de caráter ou defeito moral e que esta afirmação foi repetida muitas vezes, desde Aristóteles até os dias atuais. Então as situações cômicas podem ser úteis para suscitarem discussões de ordem moral, um dos conceitos abordados na Deontologia. E de fato, a perfeição não proporciona o riso. Entretanto Destreé (2010) discorda desse ponto de vista depreciativo sobre a comédia e diz que não há nenhum registro na *Poética* Aristotélica que diga literalmente que a comédia é inferior à tragédia, pelo contrário, ele cita algumas passagens

que indicam que Aristóteles via a mesma importância tanto em uma quanto em outra, inclusive pelo fato de o espectador das comédias precisar ter inteligência e discernimentos necessários para assisti-las e diferenciar o certo do errado. Como a prática pedagógica aqui posta é destinada aos alunos de graduação, espera-se que deles já se tenha juízo de valor suficiente para debater sobre as falhas humanas.

Bergson (1980) diz que além de o riso ser um gesto social, também causa temor pelo fato de reprimir excêntricas. A comicidade demonstra “certa rigidez de corpo, do espírito, de caráter, que a sociedade quereria ainda eliminar para obter dos seus membros a maior elasticidade e a mais alta sociabilidade possíveis. Essa rigidez é o cômico, e a correção dela é o riso (p.19)”. Então, pela ação de correção o riso possui um veio educativo e reflexivo.

A Deontologia, ramo da Ética Prática aplicada e normativa (SINGER, 2002), como campo do saber, destina-se a abordar os ditames morais, éticos e legais da conduta do profissional. Espinosa, filósofo holandês afirma que o ser humano se relaciona com três formas centrais de paixões que são naturais e originais: a alegria, a tristeza e o desejo. Da alegria nascem: o amor, a esperança, a ética, o contentamento. Nada melhor do que se apropriar da alegria para chegar à ética, então a comédia e o riso são caminhos para se atingir a alegria e a alegria pode ser um dos caminhos para se atingir o ensino de Deontologia e Ética.

Tanto Bergson (1980: p.91) como Propp (1992: p.81) tratam da comicidade profissional, situação recorrente em muitas comédias; de Molière à Gógol, muitos foram os profissionais satirizados, no sentido de apontar as falhas humanas no cumprimento do exercício profissional, tanto na forma de agir observável como na forma do pensar. Os filmes de comédia *Hollywoodianas* selecionados para este estudo retratam de maneira satírica o cientista que desenvolve medicamentos. Alguns exemplos de comicidade profissional são citados por estes dois autores:

Gógol também não se esqueceu dos cientistas. A partir da conversa de duas senhoras em *Almas mortas*, Gógol mostra como nas ciências de uma hipótese acanhada, recheada depois até a inverossimilhança, nascem falsas verdades que de uma cátedra se espalham pelo mundo. Gógol ridicularizou também o ambiente dos cientistas, anotando com precisão alguns de seus aspectos negativos (PROPP, 1992: p.83);

O humorista é no caso um moralista disfarçado em cientista, algo como anatomista que só faça dissecação para nos desagradar; o humor, no sentido restrito que damos à palavra, e de fato uma transposição da moral em científico (...). Assim, certas profissões têm um vocabulário técnico: quantos efeitos risíveis não se produziram transpondo para essa linguagem profissional as ideias da vida quotidiana (BERGSON, 1980: p.68).

Dessa forma é possível inferir que a alegria, o cômico e o riso reunidos em uma intervenção pedagógica com o uso de filmes de comédia pode representar uma boa saída para promover o processo de ensino-aprendizagem de Deontologia Farmacêutica. “Trata-se de estimular a elaboração do que o aluno vive e sente; alegria de sentir a complementariedade entre sua cultura primeira e a cultura elaborada, entre a alegria da cultura primeira e a alegria da cultura elaborada (SNYDERS, 1996: p.140)”, por aguçar a observação, participação ativa e criatividade por parte dos discentes.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo trata dos referenciais teóricos que fundamentam a escolha do cinema de comédia *hollywoodiano* como subsídio para um estudo de caso aplicado ao ensino de Deontologia Farmacêutica. A validade do uso de filmes de comédia para esse propósito foi verificada em estudo exploratório nos anos de 2010 e 2011 e confirmada em observações da aplicação da prática pedagógica ao longo do doutorado nos anos de 2012 e 2013.

A alegria no ensino mostra-se como necessária ao processo educativo conforme defende Georges Snyders em sua trilogia *Alegria na Escola* (1987) e *Alunos Felizes* (1996) e *Felizes na Universidade* (1995). Em seu

conjunto de obra ele trata da alegria de maneira ampla, não apenas como o risível, mas também da satisfação pessoal em construir o conhecimento, tornar-se protagonista de sua formação por intermédio do que ele chama de transposição didática da alegria, ao trazer e transformar a cultura de massa/primeira em cultura elaborada/escolar e aqui entram as manifestações artísticas e de lazer, tal como os filmes de comédia *hollywoodianos*. Para que a mensagem implícita e explícita em cada filme não seja assimilada de maneira aleatória se torna importante o debate e a intermediação do professor.

Quanto à escolha da comédia, justifica-se pela característica da correição de caráter, crítica social e comichidade profissional que muitos humoristas utilizam e que foram resgatadas nos cinco filmes pesquisados. A disciplina de Deontologia e Ética Farmacêutica trata justamente da reflexão da conduta profissional. Embora a comédia seja referida por muitos como um gênero menor, Aristóteles considerou que somente os fortes de caráter poderiam assistir as comédias, sem que fossem desviados da conduta apropriada, pois deles espera-se discernimento, o mesmo que se espera do aluno de graduação.

E finalmente nos apropriando de Snyders, Bergson, Propp e Espinosa, podemos dizer que: a comédia leva ao riso, o riso de contentamento é um dos caminhos da alegria, da alegria nasce a ética. Nada melhor do que a comédia para tornar mais feliz e prazeroso o ensino de Deontologia e Ética Farmacêutica.

AGRADECIMENTO: Pesquisa financiada com bolsa da CAPES.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Versão publicada em 1955. Disponível em: <<http://www.mariosantiago.net/Textos%20em%20PDF/A%20obra%20de%20arte%20na%20era%20da%20sua%20reprodutibilidade%20t%C3%A9cnica.pdf>>. Acesso em: 18 nov 2014.
- BERGSON, H. **O riso: ensaio sobre a significação do cômico**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1ed. 1980. 375p.
- BRASIL (2002). Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. Resolução nº 2 de 19 de fevereiro de 2002. **Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Farmácia**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, seção 1, p.9. Brasília DF, 4 mar. 202. Disponível em: <portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CP022002.pdf>. Acesso em: 25 out. 2010.
- CARVALHO, R.M.B. Georges Snyders: em busca da alegria na escola. **Perspectiva, Florianópolis**. v.17, n.32, jul/dez.1999. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10528>>. Acesso em: 22 jun. 2012.
- DESTREÉ, P. A comédia na poética de Aristóteles. **Organon**, Porto Alegre, n. 49, jul/dez. 2010, p.69-95. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/28993/17731>>. Acesso em 20 out. 2014.
- Mendonça, L.G.; Ferreira, F. R.; La Rocque, L.R. Influência do cinema de comédia no ensino farmacêutico e na construção da imagem do cientista que pesquisa medicamentos. In: **Anais do I Fórum Nacional de pesquisadores em artes sequenciais** (2012), p. 171-181. Leopoldina, MG, disponível em: <<https://skydrive.live.com/?cid=138ba5d9930baaa7&id=138BA5D9930BAAA7%21228&authkey=!AH-Dk8nrWB2Upj8#!/view.aspx?cid=138BA5D9930BAAA7&resid=138BA5D9930BAAA7%21237&app=WordPdf&authkey=%21AH-Dk8nrWB2Upj8>>. Acesso em 13 out. 2013.
- PROPP, V. A ridicularização das profissões. In: **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992. p.79-83.
- RÍOS, F. A formação generalista como fator de qualidade profissional. In: CECY, C.; OLIVEIRA, G.A.; COSTA, E.M.M.B (org.). **Melhoria da qualidade em educação farmacêutica**. Brasília: ABENFARBIO, 2011. p. 39-54.
- RODRÍGUEZ, M.C.A; MORA, F.A. Técnicas docentes novedosas em um curso de legislación y ética farmacêutica. **Revista Actualidades investigativas em educación**. v.12, n.1, jan/abr, 2012. p. 1-25. Acesso em: <http://revista.inie.ucr.ac.cr/uploads/tx_magazine/tecnicas-docentes-novedosas-curso-legislacion-deontologia-farmaceutica-acuna-arias.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2013.
- SINGER, P. **Ética Prática**. São Paulo: Martins Fontes. 3ed. 2002. 399p.
- SNYDERS, G. **La alegría em la escuela**. Barcelona: Editorial Paidotribo. 1ed. 1987. 326p.
- _____. **Feliz na Universidade: estudo a partir de algumas biografias**. São Paulo: Paz e Terra. 1ed.1995. 189 p.
- _____. **Alunos felizes: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários**. São Paulo: Paz e Terra. 2ed. 1996. 204p.
- Zubioli, A. **Ética Farmacêutica: Direito, ética e Deontologia**. São Paulo: Sobravime, 2004. 396 p.